

Tradição latino-românica do *Livro de Isaac*: análise de lugares-críticos

César Nardelli Cambraia*
Teresa Cristina Alves de Melo
Cynthia Elias Leles de Vilaça

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar alguns lugares-críticos que têm contribuído para o estabelecimento da relação genética entre testemunhos subsistentes da tradição latino-românica do *Livro de Isaac* e propor um estema guiado por esses lugares-críticos.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia românica; crítica textual, Isaac de Nínive; Idade Média.

Dentre os diversos textos que tiveram grande circulação na Idade Média, destaca-se, no mundo românico, o chamado *Livro de Isaac*, obra ascética composta em fins do século VII. Trata-se de um caso especialmente interessante, porque sua circulação deixou um rastro de vários testemunhos, manuscritos e impressos, em diferentes línguas. A fim de se apresentar uma modesta contribuição para a reconstrução do percurso histórico da referida obra, discutem-se no presente trabalho¹ alguns lugares-críticos que têm se demonstrado relevantes para estabelecer a relação genética entre testemunhos subsistentes de sua tradição.

* Universidade Federal de Minas Gerais – nardelli@ufmg.br; Doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na *VII SEVEALE*, Universidade Federal de Minas Gerais, 1º a 5 de outubro de 2007.

1. *Livro de Isaac*: autor, obra e traduções

Como informa Cambraia (2000, p. 20), Isaac nasceu em Bet Qatraye (no atual Qatar) e foi ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de Bet 'Abe (no norte do atual Iraque) por Jorge, o Católico, em 676 d.C. Cinco meses depois, renunciou ao cargo e foi viver como anacoreta na montanha de Matout, na região de Bet Huzaye (na atual província do Cuzistão do Irã). Posteriormente, mudou-se para o mosteiro de Rabban Shabur (também no atual Irã), onde aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras e teria escrito suas obras por volta de 688. Morreu cego e com idade bem avançada, aproximadamente no ano de 700, tendo sido enterrado no próprio mosteiro de Rabban Shabur.

Embora não haja consenso sobre a genuinidade de todas as obras atribuídas a Isaac de Nínive, Chialà (2002, p. 66-83) considera, com base em pesquisas mais recentes, que estariam entre as obras genuínas três conjuntos de capítulos e dois fragmentos de uma outra coleção. A *Primeira Parte* é composta de 82 capítulos²; a *Segunda Parte* compõe-se de 41 capítulos (dos quais o 16º e o 17º correspondem respectivamente ao 54º e ao 55º da *Primeira Parte*); a *Terceira Parte* apresenta 17 capítulos (dos quais o 14º e o 15º correspondem respectivamente ao 22º e ao 40º da *Primeira*, e o 17º corresponde ao 25º da *Segunda*); a *Quinta Parte* compreende apenas dois fragmentos próprios. Vê-se que, conjuntamente, a obra de Isaac compreende pelo menos 137 capítulos distintos.

Das obras que teriam sido compostas por Isaac de Nínive, foi a chamada *Primeira Parte*, composta de 82 capítulos e tida como seguramente genuína (cf. Brock, 1987, p. 43; 1999-2000, p. 476), que logrou maior difusão pelo mundo.³ Tendo sido escrita originalmente em siríaco, teria sido traduzida para o grego em fins do século VIII ou princípios do século IX e, deste, para o latim por volta do século XIII [*terminus ad quem*] (Chialà, p. 356).

² Brock (1986, p. 33) esclarece ainda que um capítulo presente na tradução grega impressa em 1770 é na verdade uma carta de Filoxeno a Patrício (trata-se do cap. 4 dessa tradução) e que outros quatro são textos de autoria de João da Dalyata (caps. 2, 7, 43 e 80). Desses cinco capítulos, dois circularam na tradição latino-românica: em relação aos testemunhos latinos, o cap. 2 corresponde ao cap. 43 de *LF*, 23 de *LL*, 20 de *LB*, 42 de *LV* e 28 de *LP*; e o cap. 7 corresponde ao cap. 70 de *LF*, 43a de *LL*, 41 de *LB*, 62 de *LV* e 53 de *LP* (as siglas utilizadas nesta nota para os testemunhos latinos são explicadas na seção seguinte).

³ Uma visão da amplitude de sua difusão pode ser verificada com base nas descrições da tradição dessa obra feitas por Chabot (1892, p. 54-69), Petit (1924, p. 10-11), Khalifé-Hachem (1971, col. 2041-2054), Miller (1984, p. lxxvii-cxii), Bunge (1985, p. 4-7), Cambraia (2000a, p. 21-38; 2005b), Brock (1999-2000) e Chialà (2002, p. 323-369).

2. Testemunhos latino-românicos do *Livro de Isaac*

A tradição latino-românica do *Livro de Isaac* encontra-se distribuída em diversos testemunhos: até o presente momento, tem-se notícia de aproximadamente 85 testemunhos manuscritos e 18 edições impressas: 65 latinos (53 manuscritos + 12 edições impressas), 4 portugueses (todos manuscritos), 3 espanhóis (1 manuscrito e 2 edições impressas), 3 catalães (todos manuscritos), 1 francês (manuscrito) e 27 italianos (23 manuscritos + 4 edições impressas). No presente estudo, porém, são analisados 21 deles, os quais são identificados a seguir (as siglas indicam a língua e a cidade em que se encontra o manuscrito ou em que foi publicada a edição impressa):⁴ (a) em latim: *LF* = cód. plut. *LXXXIX/96*, Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, século XIII, fols. [0r]-48v; *LL* = c, cód. ALC. 387, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1409, fols. 94v-115v; *LB* = , Jacob Gumiel, Barcelona, 1497, fols. 1r-151r; *LV* = , [s.n.], Veneza, 1506, fols. 1r-49r; *LP* = , eeed. de J.-P. Migne, Paris, 1865, cols. 811-886 / (, b) em português: *PR* = cód. 50-2-15, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, século XV, fols. 1r-114r; *PL* = cód. ALC. 461, Biblioteca Nacional, Lisboa, século XV, fols. 14r-101v; *PE* = cód. *CXII/140*, Biblioteca Pública, Évora, fins do século XV, fols. 13r-20r; *PL₂* = cód. ALC. 281, Biblioteca Nacional, Lisboa, século XV, fols. 1v-2v e 45r / (c) em espanhol: *EM* = cód. *II/795*, Biblioteca do Palácio Real, Madri, , 1484, fols. 1-123r; *EZ* = Juan Hurus, [Zaragoza], 1489, fols. 1r-182r; *ES* = Ungut Meinardo & Stanislao Polono, , Sevilha, , 1497, fols. 127v-162v / (d) em catalão: *CE* = cód. *n.I.16*, Real Biblioteca do Monastério, San Lorenzo de El Escorial, séc. XV, fols. [0r]-69r; *CS* = cód. 5-3-42, Biblioteca Capitular Colombina, Sevilha, século XV, fols. 1r-185r; *CB* = cód. 148, Biblioteca Universitária, Barcelona, fins do século XVI, fols. 78v-86v [118v-127v] / (e) em francês: *FP* = cód. lat. 14891, Biblioteca Nacional, Paris, século XIV, fols. 308r-365v / (f) em italiano: *IFr* = cód. ricc. 1489, , Biblioteca Riccardiana, Florença, séc. XIV, fols. 1r-162r; *IFp* = cód. palat. 47, , Biblioteca Nacional Central, Florença, século XIV, fols. 1r-39r; *IV* = Bonetum Locatellum, Veneza, 1500, fols. 1r-70v; *IF* = Gaetano Tartini & Santi Franchi, Florença, 1720, págs. 1-111;⁵ *IR* = Tip. dei Clatici Sacri, Roma, 1845, págs. 91-284 (vol. I) e 7-88 (vol. II).⁶

⁴ A localização do texto nos fólhos dos testemunhos segue a numeração original do códice: nos casos em que há fólho anterior ao início da numeração original, atribuiu-se-lhe o número 0.

⁵ Em *IF*, o texto de Isaac é precedido por 40 págs. com as seções *Prefazione* e *Notizie* e é sucedido por 30 págs. com as seções *Tavola*, *Osservazioni* e *Approvazioni*.

⁶ Em *IR*, o texto de Isaac é precedido por 82 págs. com as seções *Proemio*, *Prefazione*, *Notizie* e *Prolegomena* (vol. I) e é sucedido por 56 págs. com as seções *Osservazioni* e *Indice* (vol. II).

Embora não haja até o presente momento nenhuma proposta para a relação genética entre todos os 21 testemunhos identificados acima, em dois estudos recentes (Cambraia, 2007b e 2007a) apresenta-se proposta respectivamente para a tradição portuguesa⁷ e a espanhola,⁸ com base na análise detalhada de diversos lugares-críticos:

| Estema 1 <i>Tradição portuguesa</i> (Cambraia, 2007b) | Estema 2 <i>Tradição espanhola</i> (Cambraia, 2007a) |
|---|---|
| <pre> *L *P / \ PR *P₂ / \ PL PL₂ PE </pre> | <pre> *L / \ *E ES EM EZ </pre> |

3. Lugares-críticos

Dada a extensão do *Livro de Isaac* e a copiosidade de testemunhos, qualquer tentativa de reconstruir sua tradição latino-românica exigirá necessariamente um trabalho minucioso, o que sugere que essa tarefa deva ser realizada aos poucos. Como contributo para essa reconstrução, analisam-se aqui cinco lugares-críticos já identificados como relevantes para a discussão, embora obviamente ainda não sejam suficientes para se chegar a resultados definitivos.

Para tornar o processo de reconstrução transparente e objetivo, apenas apresentam-se na presente seção os lugares-críticos, identificando as variantes genuínas. Após sua apresentação, discute-se, na seção seguinte, sua função na elaboração do estema da tradição latino-românica do *Livro de Isaac*.

3.1. *Continuum silentium*

O primeiro lugar-crítico é uma seção que Cambraia (2000, p. 34) assinala estar ausente em *LL*: trata-se de uma unidade de texto que, na tradição latina, se inicia pela seqüência *continuum silentium* e constitui parte genuína,

⁷ A propósito da tradição portuguesa, conferir também Cambraia (2000, 2002, 2003, 2004) e Menegaz (1994, 2002).

⁸ A propósito da tradição espanhola, consulta também Cambraia (2002) e França (2004, 2005).

pois está presente na tradição siríaca (cf. cap. 38 de Wensinck (1969, p. 194-195) e cap. 40 de Miller (1984, p. 203)). Sua distribuição nos testemunhos em estudo está registrada no quadro abaixo:⁹

Quadro 1 – Lugar-crítico *continuum silentium*

| | | |
|---|---|---|
| LF: Ø LL: Ø LB: cap. 27 (fól. 114v9) LV: Ø LP: cap. 36 (col. 866) | PR: cap. 33 (fól. 87v14) PL: cap. 33 (fól. 76v1) | EM: cap. 26 (fól. 97v15) EZ: cap. 26 (fól. rvjv16) ES: cap. 31 (fól. 150va14) |
| CE: cap. 27 (fól. 51rb25) CS: cap. 27 (fól. 145r11) | FP: cap. 20 (fól. 355r12) | IFr: Ø IFp: Ø IV: Ø IF: Ø IR: Ø |

3.2. *Fortitudinem*

O segundo lugar-crítico é uma seção que Cambraia (2000, p. 34) identificou ocorrer duas vezes na tradição portuguesa: trata-se de uma unidade de texto que, na tradição latina, começa por *fortitudinem* e constitui parte genuína, uma vez que consta da tradição siríaca (cf. cap. 10 de Wensinck (1969, p. 78-80) e cap. 10 de Miller (1984, p. 74-76)). Na tradição siríaca, a seção mencionada ocorre apenas uma vez e situa-se na parte inicial da obra, mas na tradição latino-românica varia sua frequência (uma vez x duas vezes) e sua posição (parte inicial e/ou parte final). Sua distribuição nos testemunhos em análise aparece no quadro abaixo (I = posição inicial; e F = posição final):¹⁰

⁹ O lugar-crítico em questão não consta de *PL*₂, *PE* e *CB* em função de condição fragmentária destes.

¹⁰ O lugar-crítico em questão não consta de *PL*₂ e *PE* porque não há nele excerto da seção mencionada.

Quadro 2 – Lugar-crítico *fortitudinem*

| | | |
|---|---|--|
| LF: F - cap. 71 (fól. 47r17) LL: F - cap. 42 (fól. 115r4) LB: I - cap. 14 (fól. 79v3) LV: I - cap. 35 (fól. D3vb) LP: Ø | PR: I - cap. 20 (fól. 62r2) e F - cap. 47 (fól. 112r1) PL: I - cap. 20 (fól. 61r13) e F - cap. 47 (fól. 96r10) | EM: I - cap. 14 (fól. 69v12) EZ: I - cap. 14 (fól. mvijv21) ES: I - cap. 18 (fól. 147ra24) |
| CE: I - cap. 14 (fól. 36ra30) CS: I - cap. 14 (fól. 97r1) ¹³ | FP: I - cap. 9 (fól. 343r6) | IFr: F - cap. 49 (fól. 152r12) IFp: F - cap. 70 (fól. 37ra42) IV: F - cap. 51 (fól. 67r30) IF: F - cap. 51 (pág. 109-4) IR: F - cap. 51 (vol. II, pág. 82-4) |

Há uma diferença relevante entre *LF* e *LL*: embora a seção em questão esteja na parte final da obra em ambos os casos, em *LF* (e também em *IFr*, *IFp*, *IV*, *IF* e *IR*) constitui a penúltima seção e antecede a que se inicia por *nunquam de ore*, mas em *LL* constitui parte final da antepenúltima seção, sendo seguido pela seção que se inicia por *hic est ordo sobrius* e só depois pela que começa por *nunquam de ore*.

3.3. *Nunquam de ore*

O terceiro lugar-crítico é uma seção que Cambraia (2005, p. 11) verificou estar ausente nos testemunhos latinos *LB* e *LP*: trata-se de uma unidade de texto que, na tradição latina, se inicia pela seqüência *nunquam de ore* e que não seria genuína, pois está ausente da tradição siríaca (ocorreria como parte final do cap. 17 de Miller (1984, p. 95)). Essa seção, que aparece em testemunhos latino-românicos, constitui uma seqüência de normas de conduta¹² a serem seguidas pelos monges e inclui até mesmo frase extraída dos *Diálogos* do Papa Gregório I (540-604), como já assinalou Cambraia (2004, p. 110-112; 2005b, p. 12-14). A distribuição da seção mencionada nos testemunhos em estudo é a seguinte:¹³

¹¹ O cap. 14 de *CS* está mutilado no início, pois falta ao códice um fôlio entre os fôls. 96 e 97.

¹² Trata-se de um conjunto de frases extraídas de diferentes obras: *Epístolas*, de São Jerônimo (n. 22, 58, 60, 96, 108 e 125); *Diálogos*, de São Gregório (liv. 3, cap. 14); e *Sentenças*, de Santo Isidoro (liv. 2, cap. 1; liv. 3, cap. 19).

¹³ O lugar-crítico em questão não consta de *PE* porque não há nele excerto da seção mencionada.

Quadro 3 – Lugar-crítico *nunquam de ore*

| | | |
|--|---|--|
| <i>LF</i> : cap. 71 (fól. 48r18) <i>LL</i> : cap. 43 (fól. 115v39) <i>LB</i> : Ø <i>LV</i> : cap. 63 (fól. F7va) <i>LP</i> : Ø | <i>PR</i> : cap. 48 (fól. 111r20) <i>PL</i> : cap. 48 (fól. 100v3) <i>PL_z</i> : [cap. 48] (fól. 45r11) | <i>EM</i> : Ø <i>EZ</i> : Ø <i>ES</i> : Ø |
| <i>CE</i> : Ø <i>CS</i> : Ø <i>CB</i> : Ø | <i>FP</i> : cap. 33 (fól. 364v34) | <i>IFr</i> : cap. 49 (fól. 155r5) <i>IFp</i> : cap. 70 (fól. 37vb32) <i>IV</i> : cap. 52 (fól. 68v20) <i>IF</i> : cap. 51 (pág. 111-6) <i>IR</i> : cap. 51 (vol. II, pág. 86-22) |

3.4. *Misericordiæ*

O quarto lugar-crítico é uma expressão que Cambraia (2002, p. 300-301) detectou variar entre a tradição portuguesa e a espanhola: trata-se da expressão *de misericórdia*, que na tradição latina aparece como *misericordiæ* e constitui forma genuína, já que assim aparece na tradição siríaca ocidental (cf. cap. 17 de Miller (1984, p. 95)). Nos testemunhos espanhóis, aparece em seu lugar a expressão *de mirra*, variante que, como proposto no trabalho acima mencionado, teria surgido da uma leitura equivocada da abreviatura latina *mie*, que está presente em testemunhos latinos (p. ex., *LF* e *LL*). No quadro a seguir, registram-se as variantes na tradição em análise:¹⁴

Quadro 4 – Lugar-crítico *misericordiæ*

| | | |
|---|---|---|
| <i>LF</i> : <i>misericordie</i> (fól. 47r7) <i>LL</i> : <i>misericordie</i> (fól. 115v32) <i>LB</i> : <i>mirre</i> (fól. 148r8) <i>LV</i> : <i>misericordie</i> (fól. F7rb33) <i>LP</i> : <i>misericordiæ</i> (col. 8853) | <i>PR</i> : <i>de misericordia</i> (fól. 111r4) <i>PL</i> : <i>de misericordia</i> (fól. 100r13) <i>PL_z</i> : <i>de misericordia</i> (fól. 2v30) | <i>EM</i> : <i>de mirra</i> (fól. 123r1) <i>EZ</i> : <i>de mirra</i> (fól. tviijv15) <i>ES</i> : <i>de mirra</i> (fól. 142vb1) |
| <i>CE</i> : <i>de mjrre</i> (fól. 64vb27) <i>CS</i> : <i>de mjrre</i> (fól. 184v14) <i>CB</i> : <i>de misericordia</i> (fól. 80r24) | <i>FP</i> : <i>de mjerre</i> (fól. 364v20) | <i>IFr</i> : <i>dela misericordia</i> (fól. 151v12) <i>IFp</i> : <i>della misericordia</i> (fól. 38ra17) <i>IV</i> : <i>dela misericordia</i> (fól. 67r11) <i>IF</i> : <i>della misericordia</i> (pág. 108-22) <i>IR</i> : <i>dela misericordia</i> (vol. II, pág. 80-25) |

¹⁴ O lugar-crítico em questão não consta de *PE* em função de condição fragmentária deste.

3.5. *Fertilis terra*

O quinto e último lugar-crítico é uma seção que Vilaça (2008) identificou no contraste entre os testemunhos *IFr* e *IV*: trata-se de uma unidade de texto que, na tradição latina, começa por *fertilis terra* e constitui parte genuína, pois consta da tradição siríaca (cf. cap. 6 de Wensinck (1969, p. 56) e de Miller (1984, p. 54)). Sua distribuição nos testemunhos em análise está registrada no quadro a seguir:¹⁵

Quadro 5 – Lugar-crítico *fertilis terra*

| |
|--|
| <i>LF</i> : Ø (fól. 11v18) <i>LL</i> : Ø (fól. 100v7) <i>LB</i> : <i>Fertilis terra e... lux fulgebit</i> (fól. 32v11) <i>LV</i> : <i>Fertilis terra est...lux fulgebit</i> (fól. B5vb24) <i>LP</i> : Ø (col. 831-5) |
| <i>PR</i> : Bem he fecta e auondosa a t<e>rra...resplandece luz muy clara (fól. 27r1) <i>PL</i> : A alma que en temor...Resplandece lume (fól. 30r6) ¹⁶ |
| <i>EM</i> : Ca aquella tierra es abundosa y fertile...aquella preciosa lumbre resplandecera (fól. 29r2) <i>EZ</i> : Ca aquella tierra es abundosa y fertile...aquella preciosa lumbre resplandecera (fól. evijr11) <i>ES</i> : Bien es fecha buena e aboñdosa la tierra...resplandece luz marauillosa (fól. 135va44) |
| <i>CE</i> : Certamente aquella terra es fructuosa e abundosa...aquell precios lum resplendex (fól. 14vb13) <i>CS</i> : Certamente aquella terra es fartil...aquell precios lum resplendex (fól. 40v13) |
| <i>FP</i> : La terre est planteureuse...vne lumiere resplandist dede ns loscurte dicelle (fól. 322r33) |
| <i>IFr</i> : Ø (fól. 40v13) <i>IFr</i> : Ø (fól. 9rb42) <i>IV</i> : Quella terra e fertile...resplendera la luce (fól. 16v9) <i>IF</i> : Ø (pág. 26-3) |
| <i>IR</i> : Ø (vol. I, pág. 148-14) |

4. Discussão dos dados

Para facilitar a elaboração do estema baseado nos lugares-críticos (doravante, LC) analisados aqui, convém apresentar os resultados em forma de uma matriz de variantes genuínas (Y) x não-genuínas (X), organizada por tradições e segundo o sistema adotado em Cambraia (2005a, p. 136-146):

¹⁵ O lugar-crítico em questão não consta de *PL*, *PE* e *CB* em função de condição fragmentária destes.

¹⁶ Embora falte a esse testemunho a primeira frase do trecho em questão (justamente a que fala da terra fértil), a parte restante está presente.

Quadro 6 – Matriz de variantes

| | LF | LL | LB | LV | LP | PR | PL | PL ₂ | PE | EM | EZ | ES | CE | CS | CB | FP | IF _p | IF _r | IV | IF | IR |
|---------------------|----|----|----|----|----|----|-----|-----------------|----|----|----|----|----|----|----|----|-----------------|-----------------|----|----|----|
| LC-I | X | X | Y | X | Y | Y | Y | - | - | Y | Y | Y | Y | Y | - | Y | X | X | X | X | X |
| LC-II ¹⁷ | X | X' | Y | Y | Z | X' | X'' | - | - | Y | Y | Y | Y | Y | - | Y | X | X | X | X | X |
| LC-III | X | X | Y | X | Y | X | X | X | - | Y | Y | Y | Y | Y | - | X | X | X | X | X | X |
| LC-IV | Y | Y | X | Y | Y | Y | Y | Y | - | X | X | X | X | X | Y | X | Y | Y | Y | Y | Y |
| LC-V | X | X | Y | Y | X | Y | Y | - | - | Y | Y | Y | Y | Y | - | Y | X | X | Y | X | X |

Quanto à tradição latina, a matriz acima permite estabelecer que:

(a) *LF*, testemunho mais antigo datável do século XIII ou XIV, não pode ser considerado o primeiro registro da tradução latina e deve ser apenas uma *cópia*: isso se deve ao fato de apresentar erros (cf. LC-I, LC-II, LC-III e LC-V) como ainda ao fato de nem todos esses erros estarem presentes em todos os demais testemunhos latinos analisados (não é, portanto, o arquétipo de tradição latina).

(b) *LF* e *LL* pertencem a um mesmo ramo da tradição latina, pois apresentam quatro erros conjuntivos (cf. LC-I, LC-II, LC-III e LC-V). Não é possível, porém, saber ainda propriamente o tipo de relação de parentesco entre eles: filiação de um ao outro ou mesma paternidade para ambos?

(c) *LF* não pode ser cópia de *LL*, porque, além de *LF* (século XIII ou XIV) possuir data anterior a de *LL* (datado de 1409), a tradução latina do *Livro de Isaac* parece ter sido feita na Itália (Chialà, 2000, p. 357) e *LL* teria sido copiado em Portugal.

(d) *LB*, de 1497, não pode derivar de *LF* ou *LL* por não apresentar os quatro erros conjuntivos mencionados em (a) e (b).

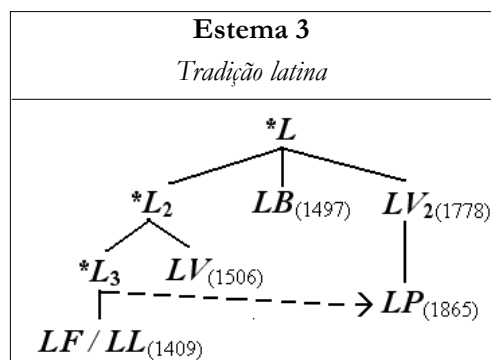
(e) *LV*, de 1506, apresenta dois erros conjuntivos (cf. LC-I e LC-III) em relação a *LF/LL*, mas não pode ser cópia deles em função da ausência de dois erros conjuntivos (LC-II e LC-V) presentes nestes.

(f) *LP*, de 1865, possui o erro conjuntivo do LC-V, mas não os erros dos outros testemunhos latinos: portanto, não pode derivar deles, mas deve ter algum vínculo com ramo de *LF/LL*, possivelmente como caso de contaminação. A origem de *LP* é, aliás, informada pelo editor (Migne, 1865, p. 811): terá sido retirado da edição de Galland,¹⁸ impressa em 1778 em Veneza (doravante, *LV*₂).

¹⁷ Como as variantes não-genuínas são diferentes, fez-se necessário o uso de mais símbolos: X = seção no final (penúltima posição); X' = seção no final (antepenúltima posição); X'' = seção no meio e no final (antepenúltima posição); e Z = seção ausente.

¹⁸ Andrea Galland, *Bibliotheca veterum patrum*. Venetiis: ex typ. J. B. Albritii Hieron. fil., 1765-81. (Tomo XII, 1778, p. 3-35)

Com base nos dados acima, pode-se então elaborar o seguinte estema para representar a relação entre os testemunhos latinos:



Neste estema, $*L_2$ é o testemunho que apresentaria os erros de LC-I e LC-III (presentes em *LF*, *LL* e *LV*) e $*L_3$ é o que possuiria, além desses dois, ainda mais os erros de LC-II e LC-V (presentes em *LF*, *LL* e *LP*). Como *LP* não pode estar sob $*L_2$ por não apresentar os erros de LC-I e LC-III nem sob $*L_3$ por não apresentar os erros de LC-II e LC-V, uma possível explicação para a presença de LC-V seria a contaminação de algum testemunho do ramo de $*L_3$. Como os dados disponíveis não permitem determinar exatamente de qual testemunho do ramo de $*L_3$ *LP* teria extraído o erro de LC-V, estabeleceu-se *provisoriamente* como fonte da contaminação o próprio testemunho $*L_3$. Caso se constate que esse erro de LC-V já estava no modelo de *LP*, essa contaminação ficaria em uma posição mais alta da cadeia de transmissão de *LP* (como em *LV*₂).

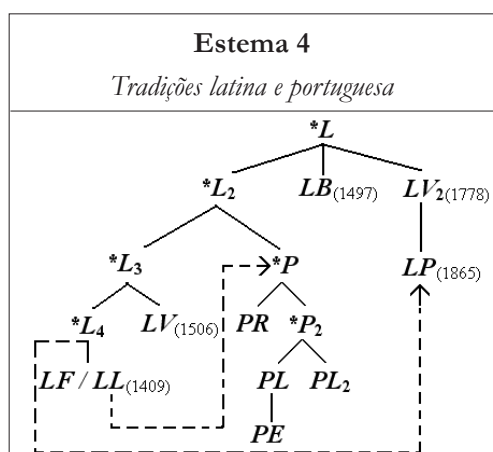
No que diz respeito à tradição portuguesa, a existência de estudo prévio (Cambraia, 2007b) dispensa a necessidade de se lidar aqui com questões internas a ela, mas é preciso correlacioná-la com a tradição latina acima reconstituída. Comparando os dados da matriz, percebe-se que:

(a) É necessário um outro testemunho latino interposto, que apresente apenas o erro do LC-III, o único que terá passado para a tradição portuguesa de forma clara.

(b) A presença do erro de LC-II, mas de forma peculiar (com sua presença no lugar de origem e ainda repetida no final), na tradição portuguesa sugere que nela terá havido contaminação a partir de testemunhos com a seção de LC-II em antepenúltima posição, como é o caso de *LL*. Embora a tradição portuguesa não possa vir diretamente de *LL* pela ausência do erro de

LC-I, poderia tê-lo consultado também e repetido no final assim a seção que gerou o erro de LC-II.

Inserindo no estema 3 os novos dados apurados com base na tradição portuguesa, tem-se o seguinte estema:



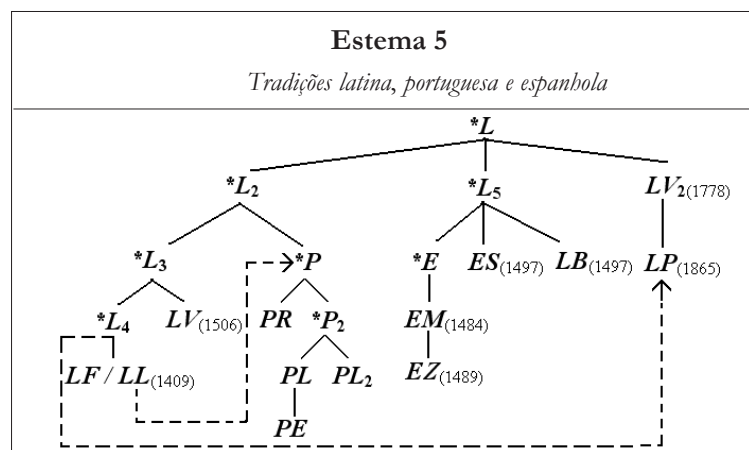
Nesse estema, $*L_2$ é o testemunho que apresentaria o erro de LC-III (presente em *LF*, *LL*, *LV*, *PR* e *PL*); $*L_3$ é o que possuiria o erro de LC-I (presente em *LF*, *LL* e *LV*); $*L_4$ é o que teria os erros de LC-II e LC-V e seria aquele do qual *LP* teria extraído o erro de LC-V; e *LL* seria a fonte do erro com forma peculiar (a antepenúltima posição) do LC-II presente em *PR* e *PL* (por isso, remonta à forma original da tradição, isto é, $*P$).

No que tange à tradição espanhola, também o estudo prévio (Cambráia, 2007a) dispensa a discussão das relações internas, necessitando, então, que essa seja correlacionada com as tradições latina e portuguesa. A partir das informações da matriz, verifica-se que:

(a) *LB* e *EM*, *EZ* e *ES* formam um ramo separado, definido pela presença do erro conjuntivo de LC-IV e ainda pela ausência dos demais erros.

(b) *LB* não terá sido fonte para os espanhóis, já que esse testemunho latino foi impresso em 1497 e dois dos testemunhos espanhóis datam de antes: *EM*, de 1484; *EZ*, de 1489. Como *ES* foi impresso em 26 de junho de 1497 e o mês de impressão de *LB* não é informado, resta ainda a possibilidade de *LB* ter dado origem a *ES*. Entretanto, como já assinalou França (2005), os títulos de capítulo de *ES* estão em latim (mesmo estando o texto em si em espanhol), mas não são os mesmos de *LB*: ora, que justificativa existiria para se usar *LB* como modelo para a tradução em *ES* e substituir os títulos em latim por outros igualmente em latim? A natureza dos títulos sugere que *ES* não deriva de *LB*.

Associando a tradição espanhola ao estema das tradições latina e portuguesa, tem-se:



Quanto à tradição catalã, a falta de estudos prévios impede que se saiba a relação entre os testemunhos subsistentes, mas os dados da matriz permitem inferir algumas informações:

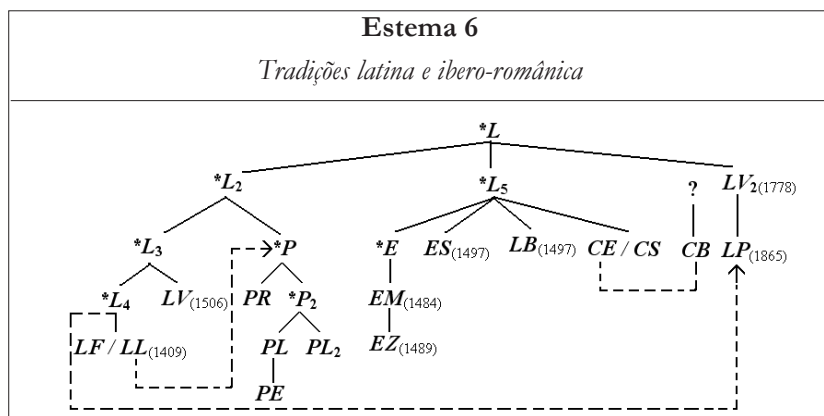
(a) *CE* e *CS* pertencem ao ramo com o erro conjuntivo de LC-IV, mas *CB* não.

(b) A datação que se tem atribuído a *CE* e *CS* (séc. XV) sugere que não terão derivado de *LB* (fins do séc. XV).

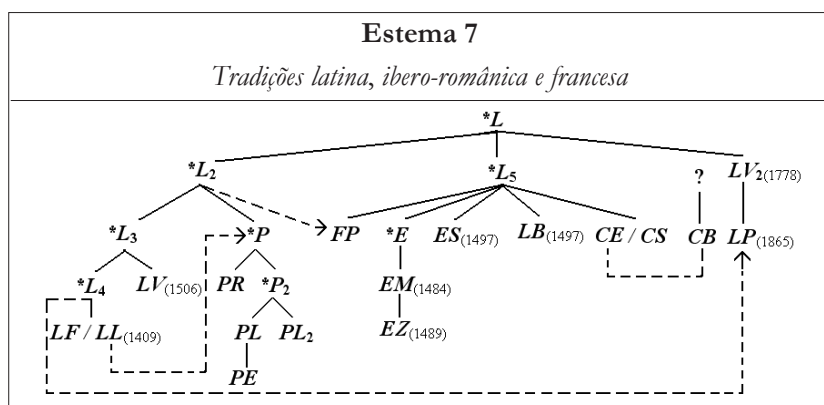
(c) Não se pode precisar se *CB* deriva efetivamente de algum testemunho latino, já que sua condição fragmentária dificulta a obtenção de evidências.

Deve-se aqui acrescentar um dado novo: tanto *CE* (fól. 65ra23) quanto *CB* (fól. 80v15) apresentam um apêndice com seleção de frases em catalão extraídas do *Livro de Isaac*, o que sugere que *CB* tem alguma relação genética com *CE*, apesar de não se poder, por ora, determinar sua natureza.

Adicionando os dados provisórios da tradição catalã, tem-se o estema que se segue:



No que diz respeito à tradição francesa, representada apenas por *FP*, a matriz permite verificar que o testemunho francês apresenta o erro conjuntivo de LC-IV, o que o coloca no ramo $*L_5$, mas a presença também do erro de LC-III, que ocorre no ramo $*L_2$, sugere a ocorrência de mais um caso de contaminação, partindo de algum testemunho desse segundo ramo: provisoriamente poder-se-ia considerar $*L_2$ (testemunho interposto com o erro de LC-III ocupando a posição mais alta no estema e apenas com esse erro). Tem-se, assim, o seguinte estema:



Por fim, quanto à tradição italiana, a matriz sugere que:

(a) *IFp*, *IFr*, *IF* e *IR* pertencem a um mesmo ramo, pois todos apresentam os erros conjuntivos de LC-I, LC-II, LC-III e LC-V, podendo ser subordinados a *LF*, que possui os mesmos erros.

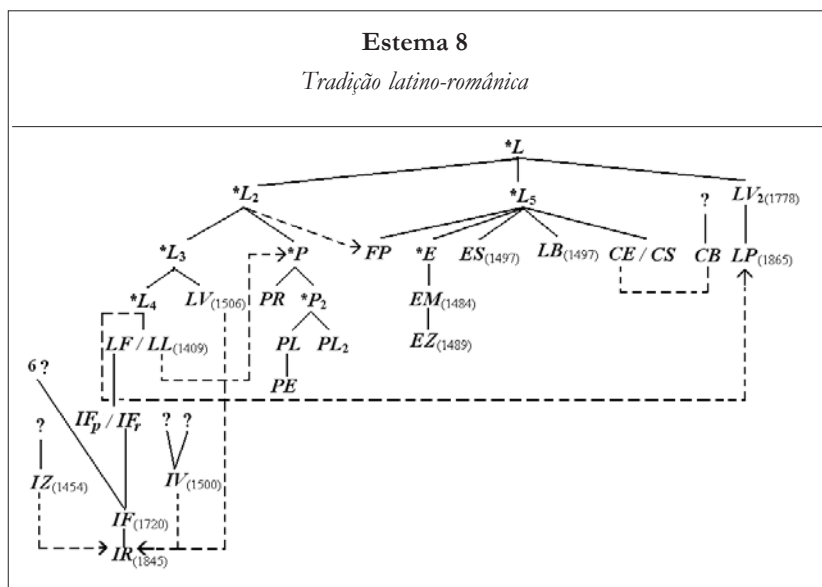
(b) Não é possível saber com certeza qual é a relação entre *IFp* e *IFr*, sobretudo por serem datáveis da mesma época (séc. XIV), mas a divisão em vários capítulos de *IFp* difere da de *IFr* e aproxima *IFp* mais de *LF*, manuscrito latino mais antigo em análise e com divisão de capítulos parecida.

(c) *IV* não apresenta um dos quatros erros encontrados na tradição italiana: LC-V. O vínculo de *IV* com *IFp* e *IFr* não é claro: *IV* apresenta o erro de LC-III (por isso deve estar abaixo de $*L_3$), o erro de LC-I (por isso deve estar abaixo de $*L_3$) e o erro de LC-II (por isso deve estar abaixo de $*L_4$); mas, como não apresenta o erro de LC-V, presente nos demais testemunhos italianos, infere-se que deve ter havido contaminação, provavelmente de um testemunho latino, já que até o presente momento todos os testemunhos italianos analisados têm os 4 erros.

Os dados acima podem ainda ser complementados com as informações dadas pelo editor do testemunho *IF* (Buonaventuri, 1720, p. v-vi), que diz terem sido utilizadas sete diferentes fontes¹⁹, mas a base terá sido o chamado *manuscrito Bargiacchi*, aqui analisado e representado pela sigla *IFr*. O editor do testemunho *IR* (Sorio, 1845, p. 7-21) esclarece que sua edição deriva da de 1720, mas com consulta a mais três outras fontes: *manuscrito Zanotti* (doravante, *IZ*) de 1454; o impresso italiano de Veneza em 1500 (identificado no presente estudo por *IV*); e o impresso latino também de Veneza mas de 1506 (aqui identificado como *LV*).

Os dados disponíveis podem ser assim relacionados no estema tinha sido elaborado até este ponto:

¹⁹ Buonaventuri (1720, p. vi) afirma que no *Vocabolario della Crusca* se fala ainda de um manuscrito que terá pertencido a Mario Guiducci e depois a Cosimo Venturi, mas o referido editor, no entanto, não chegou a ver esse testemunho e duvida de sua existência.



No estema acima, **L* representa a primeira tradução latina do *Livro de Isaac*, realizada até fins do século XIII; **L₂* é o testemunho que possuiria o erro de LC-III (presente em *LF*, *LL*, *LV*, *IFr*, *IFp*, *IV*, *IF*, *IR*, *PR*, *PL*, *PL₂* e *FP* [neste último, por contaminação]); **L₃* é o que possuiria o erro de LC-I (presente em *LF*, *LL*, *LV*, *IFr*, *IFp*, *IV*, *IF* e *IR*); **L₄* é o que possuiria os erros de LC-II e LC-V (presentes em *LF*, *LL*, *LP* [neste último, apenas LC-V e por contaminação], *PR*/*PL* [nestes dois últimos, apenas LC-II e por contaminação a partir de *LL*], *IFr*, *IFp*, *IV* [neste último, apenas o LC-II pois o erro de LC-V foi corrigido por contaminação com testemunho não-identificado], *IF* e *IR*); e **L₅* é o que possuiria o erro de LC-IV (presente em *FP*, *EM*, *EZ*, *ES*, *LB*, *CE* e *CS*).

Ficam em aberto: a origem de *IZ* (embora naturalmente deva estar subordinado a uma tradição italiana originalmente única); a origem e localização dos seis testemunhos, além de *IFr*, consultados para a cópia de *IF*; a relação entre *IFr* e *IFp* (certamente também subordinados a uma mesma tradição italiana); a origem de *IV* (de uma mesma tradição italiana, mas com provável contaminação de fora dela); a relação entre *CE* e *CS* (certamente também subordinados a uma mesma tradição catalã); e a relação entre *CB* e o resto da tradição catalã.

Como se vê, há indícios claros de que o processo de transmissão da tradição latino-românica do *Livro de Isaac* foi bastante complexo, com declarados casos de contaminação. A contaminação provavelmente não terá ocorrido apenas na tradição italiana (caso em que os editores dizem explicitamente terem consultado

mais de uma fonte), mas também em outras em que o *Livro de Isaac* terá circulado em diferentes testemunhos: basta lembrar aqui que, como informa Cambraia (2007b), vinculados ao Mosteiro de Alcobaça há pelos menos três (*LL*, *PL* e *PL₂*) e que, segundo apurou Cambraia (2002, p. 298-299), na biblioteca pessoal de Cristóvão Colombo havia três (dois em latim [um exemplar de *LV* e um outro provavelmente de *LB*] e um em catalão [*CS*]). Nota-se, portanto, que a existência de contaminação tornará sensivelmente árdua a tarefa de reconstruir a tradição latino-românica do *Livro de Isaac*, pois, como disse Maas (1950, p. 8), a contaminação dificulta a *eliminatio* (eliminação de testemunhos não-pertinentes para a reconstituição de um texto genuíno), quando não a torna impossível. Justamente em função dessa peculiaridade, o estema provisório aqui apresentado serve apenas para indicar relações de afinidade, já que o número restrito de lugares-críticos analisados não permite desembaraçar os fios das diferentes tradições que certamente se cruzaram. Assim, por exemplo, há uma notável semelhança entre os textos português de *PR* e o espanhol de *ES*, mas a contaminação acaba gerando cisões no estema, como o posicionamento de *PR* sob **L₂* e de *ES* sob **L₃*. Para casos tão complexos, será necessária uma abordagem que conjugue aspectos qualitativos com quantitativos.

Embora tenham sido analisados aqui apenas cinco lugares-críticos, pode-se considerar seguramente que se deu um passo à frente na compreensão da relação entre os testemunhos da tradição latino-românica do *Livro de Isaac*, unidades compósitas de um quebra-cabeça de sete séculos!

Bibliografia

- BROCK, S. (1986) Isaac of Nineveh: some newly-discovered works. *Sobornost: Eastern Churches Review*, 8, n. 1, p. 28-33.
- _____. (1987) *The syriac fathers on prayer and the spiritual life*. Kalamazoo, Michigan: Cistercian Publications Inc.
- _____. (1999-2000) From Qatar to Tokyo, by way of Mar Saba: the translations of Isaac of Beth Qatraye (Isaac the Syrian). *Aram*, 11-12, p. 475-484.
- BUNGE, G. (1985) Mar Isaak von Ninive und sein 'Buch der Gnade'. *Ostkirchliche Studien*, Würzburg, 34, n. 1, p. 3-22.
- CAMBRAIA, C. N. (2000) "*Livro de Isaac*": edição e glossário (cód. ALC. 461). São Paulo. Tese (Doutorado) "Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. (2002) A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas, breve notícia das tradições portuguesa, espanhola e catalã. In: RAVETTI, G. & ARBEX, M. (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- _____. (2003) Reconstruindo a tradição medieval portuguesa do *Livro de Isaac*, estudo lingüístico comparativo das versões existentes. In: MIRET, F. S. (ed.) *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica, Salamanca, 24-30 septiembre 2001*. Tübingen: Max Niemeyer, v. IV.

- _____. (2004) A circulação do *Livro de Isaac* em Portugal. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 6, p. 101-114.
- _____. (2005a) *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005b) Contributo ao estudo da tradição latina do *Livro de Isaac*: o cód. *ALC 387* da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Scripta Philologica*, 1, p. 6-19.
- _____. (2007a) Tradição em língua espanhola do *Livro de Isaac*: Comunicação apresentada no *II Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas: Edição de Textos*, na Universidade de Lisboa, em Lisboa. 16 a 20 de abril de 2007.
- _____. (2007b) Tradição em língua portuguesa do *Livro de Isaac*. *Calígrama*, 12, p. 171-204.
- CHIALÀ, S. (2002) *Dall'asceti eremitica alla misericordia infinita: ricerche su Isaaco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki.
- FRANÇA, C. S. (2004) *Edição e estudo lingüístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval "Livro de Isaac": subsídios para o estudo da tradição espanhola*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG. (Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica).
- FRANÇA, C. S. (2005) *Edição e estudo lingüístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval "Livro de Isaac": contributo para a reconstrução da tradição espanhola*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG. (Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica).
- MAAS, P. (1950) *Textkritik*. 2. ed. Leipzig: B.C. Teubner.
- MELO, T. C. A de. (em preparação) *"Livre d'Isaac Abbé de Syrie" (cód. lat. 14891 da BNF): edição e glossário*. Belo Horizonte. Tese (Doutorado) "Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- MENEGAZ, R. (Ed.) (1994) *Livro de Isaac de Nínive (séc. XV)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- _____. (2002) O *Livro de Isaac*: de Alcobaça à Biblioteca Nacional. *Convergência Lusíada*, 19, p. 377-384.
- MIGNE, J.-P. (1865) *Patrologiae cursus completus. Series Graeca*. Paris: Ed. de l'Auteur, t. 86a.
- MILLER, D. (Tr.) (1984) *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Trad. Dana Miller. Boston: The Holy Transfiguration Monastery.
- VILAÇA, C. E. de L. (2004) *Edição e estudo lingüístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval "Livro de Isaac": subsídios para o estudo da tradição italiana*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG. (Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica).
- _____. (2008). *"Libro del Abate Isaac di Siria" (cód. ricc. 1489 da BRF): edição e estudo comparativo com a edição princeps de 1500*. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) "Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- _____. (em preparação) *"Libro del Abate Isaac di Siria": edição e glossário*. Belo Horizonte. Tese (Doutorado) "Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- WENSINCK, A. J. (1923) *Mystic treatises by Isaac of Nineveh*. Reimpr. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen. [Reimpr, Wiesbaden: Martin Sändig oHG., 1969]

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze some *loci critici* which have contributed to the establishment of the genetic relationships between the remaining testimonies of the latin-romance tradition of the *Livro de Isaac* and propose a stemma based on these *loci critici*.

KEYWORDS: Romance philology; textual criticism; Isaac of Nineveh; Middle Ages.